

“ Olhares em torno dos cotidianos dos “Guardiões de Sementes” para a construção do conhecimento agroecológico

┆ Régis de Araujo **Pinheiro**

┆ Flaviana **Demenech**

RESUMO

A finalidade deste trabalho é compreender os cotidianos dos agricultores “guardiões de sementes” para a construção do conhecimento agroecológico. A conservação das sementes de variedades crioulas tornou-se um aspecto fundamental na preservação da agrobiodiversidade. Estas variedades vem passando de geração em geração, submetidas a um processo de seleção local pelos agricultores, através de um processo melhoramento genético voltado para as necessidades locais, adaptação aos seus agroecossistemas. É no cotidiano desses agricultores familiares que novas relações são estabelecidas, vivenciadas, significações, conhecimentos, fazeres, poderes são gestados. Os processos constituídos na realidade da agrobiodiversidade desses guardiões de sementes vão permitindo articular a prática cotidiana com o movimento social, em seu sentido histórico, de acordo com o tempo e o contexto específico, e principalmente, com os diferentes sujeitos que os protagonizam.

Palavras-chave: Cotidianos, Variedades Crioulas, Sementes Agroecológicas, Guardiões de Sementes, Cultura.

INTRODUÇÃO

O processo de construção do conhecimento agroecológico, há uma simbiose entre o conhecimento científico com os saberes cotidianos dos agricultores, sendo que “esses conhecimentos ou saberes cotidianos são dotados de valor epistêmico e de grande importância para a própria produção de conhecimento científico” (GOMES, 2011 p. 31).

Segundo os cotidianistas, pesquisadores em Educação, como Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferraço e Inês Barbosa de Oliveira, acredita-se que a vida cotidiana é onipresente, está em todo lado, por isso vivemos e somos hibridizados pelos cotidianos. Ela está no centro do “acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”. É a vida de todo sujeito por inteiro, do sujeito que participa desta vida com seus aspectos de sua individualidade.

É deste lugar que falamos e escrevemos “esses muitos ‘eus’ e ‘nós’ que somos e fazemos, nessas redes” (ALVES, 2012, p. 1), da teoria a qual recorreremos para nossos escritos, das experiências vivenciadas, e principalmente, a partir das vozes dos agricultores “guardiões de sementes”.

Os agricultores guardiões de sementes tornaram-se participantes ativos desta pesquisa, pois o ato de guardar e manter as sementes crioulas é uma atitude de sobrevivência e, por conseguinte, resulta em uma atitude política na qual permite existir, resistir e manter-se frente as mudanças históricas naturais de um sistema que impera materializando-se em outra lógica, a capitalista.

Dessa forma, o ato de guardar está diretamente ligado com a atitude de ter, de prover o alimento, e que está, principalmente, relacionado com as mulheres agricultoras¹ e suas hortas, no qual, no presente trabalho denomina-se agroecossistema, se traduzindo nos princípios de agroecologia proposto por (GLIESSMAN, 2005) como a unidade de análise, ou seja, é o local de ocorrência das intuições, percepções, experiências que se traduzem em práticas, as quais são fontes para estudos.

Por meio desses agricultores e suas sementes, já que ambos coexistem em um processo de simbiose, a finalidade da pesquisa é investigar os cotidianos dos agricultores “guardiões de sementes” para a construção do conhecimento agroecológico, pelo fato de que muitos desses agricultores seguem preceitos de uma agricultura mais ecolocalizada através das correlações que se estabelecem entre, o ato de guardar e produzir, com as dimensões de uma agricultura mais sustentabilidade.

Mesmo havendo uma imposição hegemônica de poder, de conhecimento a ser validado e ensinado, desconsiderando e desvalorizando toda a realidade de conhecimentos

¹ Os homens ao saírem das cavernas para caçar ou coletar, não percebiam que as sementes jogadas ao solo germinavam, essa percepção foi realizada pelas mulheres, surgindo então a agricultura com as mulheres.

dos cotidianos e da maioria. Compreender e valorizar os cotidianos é potencializar esses agricultores, seus conhecimentos, sistematizações, significações, sua cultura, agricultura, sua agricultura e suas formas de produzirem alimentos.

OBJETIVO

Por meio de uma vivência direta com esses agricultores em que se percebeu as relações que são tecidas em atores, sementes e agroecossistemas, fruto de um processo simbiótico, objetivou-se investigar, analisar, e dinamizar os cotidianos dos agricultores guardiões de sementes, a fim de salientar as interações que ocorrem nesse espaço-tempo e a sua importância para a construção do conhecimento agroecológico.

MÉTODOS

O presente trabalho utiliza uma metodologia qualitativa e participativa, a qual dá voz aos participantes da pesquisa, permitindo um engajamento maior do pesquisador na realidade investigada, o que lhe dá condições para uma compreensão profunda dos processos existentes e dos sentidos produzidos pelos sujeitos na relação com o conhecimento e as significações produzidas pelos agricultores guardiões de sementes através das conversas².

Os agricultores colaboradores foram selecionados através do projeto Agricultores Guardiões de Sementes Crioulas: Sementes Crioulas e a Agroecologia, da Embrapa Clima Temperado. Até o momento, foram entrevistados oito agricultores, selecionados respectivamente pelo número de cultivares mantidas pelas famílias e a idade dos participantes, dando prioridade para aqueles de mais idade, pois subentendesse que esses apresentam experiências histórias e vivências de outros tempos de agriculturas, a qual se preconizava uma agricultura mais ecológica.

Para responder ao objetivo proposto, faz-se necessário o confronto entre as conversas realizadas com os agricultores e os conceitos selecionados a partir do referencial teórico dos cotidianistas, das dimensões da sustentabilidade e dos agricultores guardiões de sementes, nas contribuições e conceitos selecionados de Alves (2012); Ferraço (2011); Bevilaqua et al (2014); Costa (2011); Gliessman (2000).

2 “Nas pesquisas com os cotidianos, as ‘conversas’ entre os/as pesquisadores/as e os/as *praticantes-pensantes* dos cotidianos são entendidas como o lócus necessário das pesquisas” (ALVES; ROSA, 2015, p. 198).

RESULTADOS

A conservação das sementes de variedades crioulas³ tornou-se um aspecto fundamental na preservação da agrobiodiversidade. Muitos desses materiais genéticos encontram-se nas mãos de agricultores familiares⁴, assentados da reforma agrária, quilombolas⁵ e comunidades tradicionais⁶ os quais podem ser considerados “guardiões das sementes”. Estas variedades crioulas vem passando de geração em geração, submetidas a um processo de seleção local pelos agricultores, através de melhoramento genético voltado para as necessidades locais, adaptadas aos seus agroecossistemas.

Esses agricultores e agricultoras selecionadores e mantenedores de uma agrobiodiversidade, em muitos casos, desenvolviam sistemas de produção biodiversos, seguindo em sua maioria, preceitos de agroecologia. Ademais, traziam consigo uma gama de saberes de seus antepassados, dos primórdios de uma agricultura que poderia ser considerada mais sustentável, com base na produção de alimentos não só para a família agricultora, mas para suas comunidades.

Contudo, o termo “guardiões de sementes” foi cunhado há poucos anos, e não está perfeitamente concluído e delimitado, conforme afirma Bevilaqua *et al.* (2014). Nesse contexto Olanda (2015), descreve que a terminologia guardiões de sementes, surge da necessidade de orientar a população em geral sobre a erosão, contaminação, perda e apropriação indevida das sementes crioulas, da cultura e do conhecimento impregnado as sementes.

DISCUSSÃO

Mesmo com os avanços tecnológicos e da agricultura moderna, esses sujeitos continuam a conservar suas sementes, e através delas conservam também suas culturas, histórias, proporcionando um processo de coevolução através das suas técnicas de cultivo em seus cotidianos.

É neste ponto, que nosso estudo se faz pertinente e necessário para a valorização dos cotidianos e a construção do conhecimento agroecológico desses agricultores pesquisados.

3 Cultivares que não sofreram processo de melhoramento genético por instituições de pesquisas, apenas por agricultores e pelo meio ambiente.

4 Vide: Art 3º da LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006.

5 Descendentes de seres humanos que foram escravizados e que vivem em comunidades remanescentes de Quilombos.

6 Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Os cotidianos rurais se expressam pelas múltiplas relações complexas que se tecem em formas de rede⁷, através das relações estabelecidas entre os *partitipantespensantes*⁸, suas trajetórias de vida gerando diferentes relações e percepções entre homem e ambiente.

O conceito de rede se configura na multiplicidade das redes que permeiam o cotidiano dos sujeitos elucubrando saberes, fazeres e poderes. São redes rizomáticas que se hibridizam entre os participantes que nela estão incorporados. “Todos esses discursos, todas essas *teoriaspráticas* se tecem, se hibridizam nos cotidianos, não havendo uma autoridade, nem única nem localizada sendo, assim, impossível de serem identificadas/classificadas em suas características próprias” (FERRAÇO, 2011, p. 25). Não se percebe nem define onde começam e terminam as características de cada rede, no entanto essas imprimem suas marcas em seus participantes, que as carregam consigo em seu discurso e forma de agir.

É por intermédio das relações um com o outro e pelos modos como *dentrofora* que nos relacionamos, os quais nos permitem criar, articular valores, éticas, modos de pensar, fazer e apropriar diversas redes de conhecimento e práticas.

Assim, as experiências de aprendizado não se dão apenas em uma instituição escolar, mas para além dela, compreende-se que por meio das redes produzimos conhecimento, através da relação com o outro, mas também em nossa vivência cotidiana.

Os conhecimentos, discursos, relações, ações, práticas, influências, movimentos que se tecem, enredam-se e misturam-se nos cotidianos, recriam, renovam, reconstroem os espaços como um espaço “novo”, já que essas redes e sujeitos participantes “reterritorializam” os cotidianos.

Por meio desses modos de pensar e fazer hibridizados dos sujeitos e das múltiplas redes se dão os movimentos, realizações e construção do conhecimento agroecológico e assim, caracteriza a agroecologia, como ciência, movimento e prática.

O conhecimento destes agricultores em suas experiências cotidianas através das relações estabelecidas entre homem e natureza são significações cotidianas. Significações em uma relação de causa e efeito, rizomática, de negociação. O conhecimento cotidiano é produto de acumulações, tanto pessoal quanto das sucessivas gerações, sendo estritamente dependente da memória e sabedoria dos atores (GOMES, 2011).

7 “Se, na construção, o conhecimento precisa de elementos particularizados, organizados no tempo e no espaço, na metáfora da rede esses elementos são assumidos nas próprias relações que os constituem. Ou seja, como numa rede de relações múltiplas e heterárquicas, nada pode ser definido, de maneira absolutamente independente, esses elementos são sempre considerados em suas relações. Assim, as propriedades e os significados do conhecimento enredado não estão nos elementos particulares, mas entre eles, isto é, nas várias possibilidades de articulá-los, nos vários caminhos e descaminhos que podem ser seguidos” (FERRAÇO, 1997, p. 6-7).

8 Os cotidianistas têm se valido de aglutinações de termos na escrita com o objetivo de produzir sentidos tecidos em redes, por uma junção e contra a dicotomia do saber.

Dessa forma, pode-se inferir que os ensinamentos, as teorias são permeados pelos atravessamentos cotidianos presentes nas múltiplas redes, das quais os indivíduos *participantepensantes* atuam, tecem e fazem parte.

Nesse sentido, os conhecimentos e aprendizados cotidianos devem ser pautados, considerados e apresentados como saberes que são tecidos por meio dos usos, fazeres e poderes que são praticados nas redes e que compõe o cotidiano, numa multiplicidade de encontros, significações, contextos, na real construção do conhecimento do indivíduo.

CONCLUSÃO

Estudar os cotidianos é ir além do que está exposto nos papéis, é compreender a vida que pulsa nesses locais, é “necessário sentir o mundo”, compreender o que se passa “quando aparentemente nada se passa”. Buscar apreender as múltiplas redes rizomáticas dos cotidianos e mergulhar neles. É nesse sentido que a pesquisa dos/nos/com os cotidianos se torna indispensável para esta investigação, pois se diferencia no modo de ver a realidade, ter um olhar voltado para os detalhes dos cotidianos e dos saberes que dele pertence. Recriando, renovando, reconstruindo, e construindo o conhecimento agroecológico a partir dos agricultores “guardiões de sementes”.

Essa vida cotidiana está no centro do “acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”. A vida cotidiana é a vida de todo sujeito por inteiro, do sujeito que participa desta vida com seus aspectos de sua individualidade. Sujeito individual ativo carregando o seu lugar social, cultural e histórico, suas relações, inquietações, redes, saberes, cotidianos, propulsor de lutas sociais para demarcar seu espaço, para ser reconhecido de forma particular na sociedade e, portanto, também ser reconhecimento ser saber agroecológico

■ REFERÊNCIAS

1. ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In: *Encontro nacional de didática e práticas de ensino*, 16, Campinas, 2012. Anais ENDIPE didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, UNICAMP: Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012. p. 26-38.
2. ALVES, Nilda; ROSA, Rebeca Brandão. Algumas conversas sobre os usos do conceito deleuziano de clichê nas pesquisas com os cotidianos. *Revista LINHA MESTRA*, n.27, AGO-DEZ, 2015, p. 198-206.
3. BEVILAQUA, G. A. P.; ANTUNES, I. F.; BARBIERI, R. L. et al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan/abr. 2014.

4. FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo e conhecimento em rede: as artes de dizer e escrever sobre as artes de fazer. In: *Reunião anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação*, 20, Caxambu, 1997. Anais Caxambu: ANPED, 1997.
5. FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
6. GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2005. 653 p.
7. GOMES, João Carlos Costa. As bases epistemológicas da agroecologia. In: CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira. *Princípios e perspectivas na agroecologia*. Instituto Federal, Paraná. Educação a distância. 2011.
8. OLANDA, Rosemeri Berguenmaier. *Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade*. 2015. 155f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2015.